

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE O AUTISMO: PERCEPÇÕES SOCIAIS NO CONTEXTO DA SAÚDE E EDUCAÇÃO

Júlia Rúbia Luiz Xavier¹; Guilherme Leonardo Freitas Silva²
julia.rubxavier@aluno.ueg.br

Área Temática: Temas livres em Saúde Pública

RESUMO

Introdução: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem ganhado destaque nos campos da saúde e da educação, exigindo a compreensão das formas como é socialmente percebido. Fundamentado na Teoria das Representações Sociais, proposta por Serge Moscovici (1961), este estudo considera que crenças, valores e significados compartilhados influenciam diretamente a construção social do autismo. **Objetivo:** Analisar as representações sociais sobre o autismo nesses contextos, identificando tendências e implicações práticas. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão bibliográfica narrativa, de abordagem qualitativa, realizada em bases como SciELO, LILACS, CAPES e Google Acadêmico, considerando produções entre 2010 e 2024, analisadas por meio da Análise de Conteúdo. **Resultados e Discussão:** Observa-se coexistência entre discursos inclusivos e representações estigmatizantes, influenciadas por fatores educacionais, culturais, midiáticos e profissionais, além da persistência de estereótipos associados à incapacidade e dependência. **Conclusão:** As representações sociais estão em transformação, porém ainda demandam avanços na formação profissional e na promoção de práticas inclusivas e humanizadas.

Palavras-chave: Autismo; Representações sociais; Saúde coletiva; Educação; Inclusão.

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento que se manifesta de formas diversas e envolve particularidades na comunicação, no comportamento e na interação social. O aumento de diagnósticos e a ampliação do debate público sobre inclusão tornaram o autismo um tema relevante tanto para a saúde quanto para a educação. Nesse cenário, compreender como diferentes grupos interpretam e significam o autismo é fundamental, pois essas interpretações influenciam diretamente práticas de acolhimento, ensino e cuidado.

De acordo com Moscovici (1978), as representações sociais são construções coletivas que surgem no cotidiano e ajudam as pessoas a interpretar fenômenos que se tornam socialmente significativos. Quando aplicadas ao autismo, elas permitem identificar como crenças, valores, afetos e informações circulam entre profissionais, familiares, estudantes e na mídia, moldando as formas como o TEA é compreendido e vivido.

A literatura mostra que essas representações variam bastante. Em alguns grupos, predominam interpretações mais tradicionais e patologizantes; em outros, observa-se crescente abertura a discursos de diversidade, neurodiversidade e respeito às diferenças. Assim, este

artigo reúne e discute pesquisas recentes para oferecer uma visão atualizada sobre como o autismo tem sido simbolizado em contextos de saúde e educação, e quais são as implicações dessas percepções para práticas e políticas relacionadas ao TEA.

2 METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma revisão bibliográfica narrativa, de natureza qualitativa, fundamentada na Teoria das Representações Sociais. A pesquisa foi realizada a partir de buscas nas bases de dados SciELO, LILACS, CAPES e Google Acadêmico, considerando publicações no período de 2010 a 2024.

Foram utilizados os descritores "autismo", "representações sociais", "saúde coletiva", "educação inclusiva" e "estigma social", combinados por operadores booleanos (AND/OR), a fim de garantir maior abrangência dos resultados. Como critérios de inclusão, selecionaram-se estudos que abordassem diretamente as representações sociais do autismo nos contextos da saúde e da educação, nos idiomas português, inglês e espanhol.

Foram excluídos trabalhos de caráter exclusivamente biomédico ou que não apresentassem relação com o referencial teórico adotado. Ao final do processo, foram selecionados 20 estudos.

A análise dos textos completos foi realizada a partir dos pressupostos da análise de conteúdo temática, conforme Bardin (2011). Esse método permite compreender e sistematizar os dados por meio da identificação de padrões de sentido recorrentes, possibilitando uma leitura aprofundada, organizada e interpretativa do material analisado.

O processo foi desenvolvido em três etapas articuladas. Inicialmente, na pré-análise, foi feita uma leitura exploratória e abrangente do conteúdo, com o objetivo de familiarização com os dados e registro de impressões iniciais, destacando elementos e temas recorrentes. Em seguida, na fase de exploração do material, procedeu-se à codificação sistemática das informações, com a delimitação de unidades de registro e de contexto, sempre orientadas pelos objetivos da pesquisa.

Por fim, na etapa de tratamento dos resultados e interpretação, os dados codificados foram organizados em categorias temáticas mais amplas, permitindo a construção de inferências e interpretações fundamentadas no referencial teórico das representações sociais, bem como no contexto da saúde mental no Brasil, conferindo maior profundidade analítica ao estudo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram selecionados 20 estudos para análise. Entre eles, identificaram-se 08 revisões de literatura (narrativas, integrativas ou sistemáticas), 06 estudos empíricos de abordagem qualitativa, 03 estudos teóricos essenciais para o suporte conceitual da Teoria das Representações Sociais e dos métodos de análise, 02 estudos quantitativos/mistos e 01 estudo de abordagem quanti-qualitativa.

O conjunto dos estudos sintetiza a complexidade das representações sociais sobre o autismo, evidenciando interfaces entre saúde, educação, cultura e mídia, bem como aspectos relacionados ao estigma, à construção simbólica e às práticas profissionais.

As representações sociais sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) apresentam grande diversidade de significados conforme o grupo social analisado. Estudos com universitários, como os de Dias et al. (2021) e Lopes e Ruiz (2016), mostram percepções ambíguas: ao mesmo tempo em que há discursos de aceitação, ainda aparecem elementos estigmatizantes e certo desconforto nas interações. Esse cenário evidencia que a convivência cotidiana e o acesso à informação influenciam diretamente o modo como o autismo é simbolizado por jovens adultos.

No ambiente escolar, pesquisas de Santos et al. (2012), Andrade et al. (2023) e Kimura e Davis (2020) revelam que professores tendem a associar o TEA à dificuldade, limitação ou incapacidade, especialmente devido à ausência de formação específica. Complementarmente, a revisão de Oliveira e Brasil (2022) demonstra que fatores estruturais e simbólicos atuam simultaneamente, dificultando a inclusão plena. Apesar disso, algumas pesquisas apontam uma tendência gradativa de atitudes mais positivas, ainda que insuficientes para transformar a realidade escolar.

As representações sociais também são influenciadas pela mídia. Estudos como os de Jones et al. (2023) e Carpenter e Edwards (2017) indicam que produções ficcionais e jornalísticas reforçam estereótipos — ora retratando o autista como gênio excêntrico, ora como sujeito completamente dependente. Embora alguns conteúdos recentes apresentem maior diversidade, a mídia ainda desempenha papel central na manutenção de visões simplificadas, impactando diretamente a percepção pública do TEA, como observado por Zhang, Morris e Khalil (2021) em comparação internacional.

No campo familiar, a pesquisa de Harper e Coleman (2018) evidencia que o processo de compreensão e aceitação do diagnóstico costuma iniciar com sentimentos de perda e preocupação, mas evolui positivamente com apoio, orientação e acesso à informação. Essa dinâmica reforça a ideia de que as representações sociais são fenômenos afetivos e cognitivos,

influenciados por redes de suporte. Já Lucena et al. (2023) mostram que essas representações podem mudar com o tempo, à medida que famílias e comunidades se aproximam de discursos de empoderamento e neurodiversidade.

No contexto da saúde, estudos como os de Silva, Almeida e Corrêa (2019), Miller e Youssef (2022) e Neta et al. (2023) apontam que profissionais ainda enfrentam importantes lacunas formativas em relação ao autismo. O estigma aparece de forma recorrente, influenciando o modo como o atendimento é oferecido, prejudicando diagnósticos, comunicação e continuidade do cuidado. Esses resultados mostram que as representações sociais não apenas descrevem percepções, mas direcionam práticas e decisões clínicas, tornando-se um elemento fundamental da saúde coletiva.

A dimensão cultural das representações sociais do autismo também emerge como relevante. O estudo de Mourad et al. (2025) demonstra que percepções sobre o corpo autista variam significativamente entre culturas, reforçando o papel de valores, crenças e tradições na construção simbólica do TEA. Essa perspectiva cultural dialoga com a análise comparativa de Zhang, Morris e Khalil (2021), que evidencia diferenças internacionais marcantes no modo de conceber o autismo, variando de discursos de aceitação a narrativas de forte estigma.

Do ponto de vista teórico-metodológico, os clássicos de Moscovici (1978), Jodelet (2001) e Bardin (1978) sustentam as análises sobre representações sociais presentes nos estudos revisados. Seus referenciais explicam como significados circulam, cristalizam-se e orientam comportamentos, além de oferecerem suporte metodológico para a análise qualitativa, especialmente no uso de entrevistas, associação livre e análise de conteúdo — métodos amplamente utilizados nos estudos discutidos.

Em síntese, os 20 trabalhos revisados demonstram que as representações sociais sobre o autismo estão em processo de transformação: avançam em direção ao reconhecimento da neurodiversidade, mas ainda convivem com estigma, desinformação e narrativas deficitárias. A inclusão escolar, a atuação profissional em saúde, a influência midiática e os contextos culturais e familiares se articulam para produzir percepções heterogêneas e, muitas vezes, contraditórias. Compreender essas representações é essencial para qualificar práticas de saúde e educação, orientar políticas públicas e promover relações sociais mais acolhedoras e informadas para pessoas autistas.

4 CONCLUSÃO

Conclui-se que as representações sociais sobre o autismo desempenham papel central na forma como a sociedade compreende, acolhe e interage com pessoas autistas. Apesar dos avanços em direção a perspectivas mais inclusivas, ainda persistem estigmas e visões reducionistas que limitam a efetivação de práticas mais humanizadas.

A transformação dessas representações depende de investimentos na formação de profissionais da saúde e da educação, bem como na disseminação de informações que promovam a compreensão do autismo em sua complexidade. Além disso, políticas públicas devem considerar essas dimensões simbólicas, contribuindo para a construção de uma sociedade mais inclusiva e consciente da diversidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, M. S. et al. Representações sociais dos professores de Educação Física sobre o autismo: análise de teses e dissertações. *Revista Dialnet*, v. 12, n. 4, p. 85–97, 2023.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1978.
- CARPENTER, J.; EDWARDS, P. Media portrayal of autism in news outlets: a representational analysis. *Journalism Studies*, v. 18, n. 10, p. 1253–1270, 2017.
- DIAS, C. F. et al. Representações sociais sobre o autismo elaboradas por universitários. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 41, e225389, 2021.
- HARPER, G.; COLEMAN, S. Parental representations of autism diagnosis and acceptance. *Journal of Family Studies*, v. 24, n. 3, p. 335–350, 2018.
- JODELET, D. *Representações sociais: um domínio em expansão*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- JONES, P. et al. Representation of autism in fictional media: a systematic review. *Frontiers in Psychology*, v. 14, 2023.
- KIMURA, M.; DAVIS, R. Teachers' beliefs and social perceptions about autism in mainstream schools. *Educational Psychology Review*, v. 32, p. 455–470, 2020.
- LOPES, F.; RUIZ, A. University students' perceptions of autism: understanding social distance. *Journal of College Student Development*, v. 57, n. 4, p. 445–460, 2016.
- LUCENA, L. C. et al. O transtorno do espectro autista e as experiências: representações mutáveis e contextuais. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, v. 27, e220305, 2023.
- MILLER, S.; YOUSSEF, A. Autism and stigma in healthcare: a systematic review. *Health Services Research*, v. 57, n. 5, p. 1124–1138, 2022.
- MOSCOVICI, S. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- MOURAD, S. et al. Rethinking body representations in autism across cultures. *Frontiers in Psychiatry*, v. 16, 2025.
- NETA, M. M. R. et al. Representações sociais elaboradas por discentes de enfermagem sobre prevenção e saúde pós-pandemia. *Cogitare Enfermagem*, v. 28, e89162, 2023.

OLIVEIRA, B. C.; BRASIL, K. L. Percepções sociais do autismo e inclusão escolar. *Revista Psicologia e Saúde*, v. 12, n. 2, 2022.

SANTOS, M. E.; SILVA, A. P.; RIBEIRO, J. L. Representações sociais de professores sobre o autismo. *Psicologia & Sociedade*, v. 24, n. 2, p. 420–431, 2012.

SCHMITZ, M. T. et al. Representações sociais de profissionais de apoio sobre a sexualidade de adolescentes com autismo. *Revista Recima21*, v. 5, n. 4, p. 455–470, 2024.

SILVA, R. T.; ALMEIDA, J. P.; CORRÊA, L. M. Social representations of autism among primary care professionals. *Journal of Health Psychology*, v. 24, n. 7, p. 935–945, 2019.

TURNOK, A. et al. Understanding stigma in autism: a narrative review. *Autism Research*, v. 15, n. 4, p. 567–582, 2022.

ZHANG, L.; MORRIS, D.; KHALIL, A. Public perceptions of autism spectrum disorder: a cross-cultural comparison. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, v. 56, p. 1421–1435, 2021.